



A nossa gravura



NCETAMOS hoje a publicação de uma série de gravuras de todas as machinas, appparelhos e material contra incendios da afamada casa constructora de Leipzig, G. A. Jauck, da qual são representantes em Portugal os srs. Guilherme Gomes Fernandes & C.^a

d'esta cidade.

Já são sobejamente conhecidas entre nós as bombas contruidas n'aquellas officinas e os magnificos resultados que com ellas se tem obtido, como o podem affirmar as corporações de bombeiros voluntarios do Porto e Foz, Vianna, Penafiel e Aveiro, bem como algumas fabricas.

A boa reputação que esta casa adquiriu em quasi toda a Europa e especialmente na Russia, Polonia, Galicia, Hungria, Austria, Romania, Italia, Hollanda e França, para cujos paizes já mandou até hoje 4700 bombas de calibre superior, começa tambem agora a estender-se até nós e é justo portanto que se lhe dê a maxima publicidade para proveito nosso e d'aquella casa constructora que se não poupa a sacrificios e estudos para melhorar e aperfeiçoar todos os appparelhos d'extincção.

A nossa vinheta representa a bomba a vapor Jauck n.º 1, igual ás que foram vendidos para Laudshut, Cham, Leipzig e Mozeoro e que nos parece ser de todas a melhor, como se deprehe de do grande nu-



mero de attestados abonando a sua superioridade e conquistados em varios torneios.

Consome esta machina 1500 litros de agua por minuto, e o jacto alcança a distancia de 60 metros com uma só agulheta com ponteira do diametro de 30 m/m ou 35 a 40 metros com quatro agulhetas com ponteira de 16 m/m. O preço d'esta machina com todos os accessorios precizos, como tubos aspiradores, mangueiras, agulhetas, ramaes de metal etc, é de 2:812\$500 réis.

Nos numeros subequentes daremos descripção minuciosa do material empregado na construcção de todos os appparelhos fornecidos por esta casa.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

A direcção da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto, promove com

o concurso dos seus associados, um sarau gymnastico e equestre no Circo Olympico do Palacio de Crystal, offerecido ao presidente honorario da mesma associação el-rei o sr. D. Luiz I e com a assistencia de Suas Magestades, na sua proxima visita a esta cidade.

A parte decorativa do Circo Olympico foi confiada ao habil armador Ribeiro de Freitas, sendo na ornamentação empregados materiaes completamente novos e facturados expressamente para esta festa e ao distincto horticultor do Palacio que completará, com o bem disposto da arborisação, um *ensemble* digno das pessoas a quem é dedicada este espectáculo.

O camarote real ornamentado com o maximo brilhantismo é dividido em cinco partes, a saber: tri-

buna real, ladeada por dois camarotes para pessoas da comitiva, sala de recepção e *toilette* de S. M. a rainha.

Para a ornamentação, na totalidade a mais luxuosa que se tem apresentado n'aquelle recinto, não se tem poupado nem a despesas nem a esforços a direcção d'aquella aggregração.

Ainda não está definitivamente organizado o programma do espectáculo; podemos, porém, já noticiar os seguintes trabalhos:

Dragão e Beldemonio, cavallos montados em alta escola, *Arabesca*, egua apresentada em liberdade.

Equilibrios nas escadas, torniquete, jogos Icaros e volteio, trabalhos equestres, as ocarinas no Ribatejo, voadores, percha, duplo trapesio, argolas, etc.

Os ensaios estão bastante adiantados, achando-se a quasi totalidade dos trabalhos completamente exercitados.

Damos em seguida os nomes dos distinctissimos amadores que tomam parte no torneio:

Arthur Aragão, Arminio von Döllinger, Alberto Aranha, Antonio Victorino da Motta, Alfredo Basto, Antonio Encarnação, Adolpho Felgueiras, Arthur Soeiro, Antonio Baltar Junior, Claudino d'Almeida, Carlos d'Almeida, Eduardo Christino, Francisco Neves, Guilherme d'Oliveira, Guilherme Fernandes, João Manoel da Costa, Joaquim Soeiro, José Martins de Queiroz, José Rodrigues Barrote, José Victorino da Motta-Luiz Vianna, Luiz Antunes, Manoel Maia, Manoel Gomes da Silva Mattos, Paulo Lauret, Roberto Johnston e Vasco Fleming.

Immediatamente que constou a noticia d'esta recita foi a casa completamente tomada, tendo sido dada a preferencia na marcação dos bilhetes aos socios e tendo já começado a entrega na casa do 1.º secretario da direcção, o sr. Pereira Vianna, á Praça de D. Pedro.

Esta festa, cremos, marcará nos annos d'aquella prestante associação uma data gloriosa pela honrosa assistencia da familia real e pelo auxilio espontaneo dos distinctos cavalheiros que n'ella tomam parte.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO CARAMUJO

Do sr. presidente d'esta associação recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicidade fazendo sinceros votos para que a associação dos bombeiros voluntarios do Caramujo se torne digna pela sua seriedade e pelos seus bons serviços, da consideração publica.

Eis a carta a que nos referimos:

Sr. redactor.

A associação dos bombeiros voluntarios do Caramujo, acha-se penhoradissima para com v., pela noticia inserida no *Bombeiro* de 15 de junho proximo passado. Enquanto ás divergencias havidas na associação dos bombeiros voluntarios d'Almada é na verdade para lastimar que as houvesse, porém d'ellas emanou esta associação que soube á custa de mil sacrificios e privações e estabelecer no curto espaço de 60 dias a 1.ª estação no concelho a que pertence, ten-

cionando no dia 20 fazer a inauguração com a sua machina.

Sendo effectivamente os socios d'esta associação desprovidos de paixões mesquinhas, trabalhando apenas em prol da humanidade, veem os mesmos demonstrar publicamente que nenhuma rivalidade existe entre esta corporação e os bombeiros voluntarios d'Almada; por isso pedimos á redacção a publicação do presente officio pelo que nos consideramos summamente agradecidos.

Lisboa 11 de julho de 1882.

Sr. redactor do *Bombeiro Portuguez*.

O presidente,

José Maria Subtil d'Andrade.

O FOGO EM PARIS E NA AMERICA

PELO CORONEL PARIS, COMMANDANTE DO REGIMENTO DOS SAPADORES BOMBEIROS DE PARIS

(Continuado do n.º 7)

REGULAMENTAÇÃO MUNICIPAL PREVENTIVA

Uma unica medida se tornou obrigatoria por determinação da auctoridade local: é relativa ao modo d'abertura das egrejas, theatros, salas de baile, de recepções etc. e que deve sempre fazer-se *de dentro para fóra*.

Mas ha a par d'esta disposição regulamentar, um certo numero de medidas preventivas que apesar de facultativas, receberam uma applicação tanto mais geral que os seguradores as teem em grande conta para fixar as condições da apolice.

Cada theatro, cada grande estabelecimento publico ou industrial e grande numero de casas particulares, estão providos de um ou mais reservatorios situados á maior altura possivel e alimentados pela agua dos tubos das ruas. Sobre as columnas que vão dar aos reservatorios estão adaptadas em todos os andares e nos telhados, torneiras aonde prendem tubos de *caoutchouc* bastante compridos para chegar a todas as partes do edificio: esses tubos estão enrolados n'um tamborete fechado n'um armario collocado muito á vista nos corredores ou galerias e onde se lê esta inscripção: *Tubos de incendio*. A pressão d'esses tubos é muito forte pois que estão em communicação directa com os reservatorios distribuidores da cidade.

Em certos edificios, collocam por debaixo das janellas que estão nas extremidades dos corredores, caixas contendo escadas de corda; no caso em que as escadas e as outras sahidas estejam interceptadas pelo fogo ou pelo fumo, a escada, solidamente presa á caixa, desenrola-se e offerece um meio de salvação.

Despezas e orçamento. — As despezas são pouco mais ou menos as mesmas que em Boston. Damos o

orçamento para o anno—primeiro de junho de 1876 a 30 de maio 1870:

Soldo do pessoal	970:500 fr.
» » » telegraphico	40:000 »
Despezas de material	269:509 » 25
	<hr/>
	1.280:009 fr. 25

Estatistica.—Só temos a do mesmo anno.

Numero de fogos 254.	
Perdas nos edificios	612:095
» » » moveis	1.160:495
Total das perdas	<hr/>
	1.772:590 fr.

(*Continua.*)

No estrangeiro

Um incendio destruiu completamente o theatro de Arcadia, em S. Petersburgo, no dia 4 do corrente.

—No dia 6 tambem um incendio devorou totalmente o theatro dos Recreios madrilenos, de Madrid.

—Nos andares superiores do theatro da Opera, em Paris, deu-se ultimamente uma grande explosão de gaz.

Ficaram feridos muitos operarios que ali andavam trabalhando.

O foyer, sala dos espectaculos e academia não soffreram nada.

—Um padre italiano, o rev. Ravaglia, fez experiencias, no theatro Alighieri, de um aparelho electrico destinado a abrir simultaneamente as nove portas d'aquelle edificio, com o intuito de offerecer novas applicações preventivas em caso de incendio.

O aparelho communica com o gabinete da empreza, onde ao contacto de uma simples mola movida pelo inventor, teve impulso o movimento geral, e se abriram ao mesmo tempo as nove portas.

Em caso de incendio, o proprio fogo as faz abrir.

—O incendio que destruiu o theatro de Riga e cujo desastre opportunamente noticiamos, rebentou ás onze horas da manhã e durante um ensaio.

Aquelle theatro, de aspecto monumental, tinha sido edificado em 1873 e podia conter mil e seiscentos espectadores. O fogo começou na parte superior do theatro. Quasi todos os accessorios, assim como o guarda-roupa e scenario foram consumidos pelas chammas, salvando-se unicamente o archivo.

Um pormenor curioso: dois actores que tinham escapado á catastrophe de Vienna, em 8 de dezembro, estavam escripturados no theatro de Riga e estavam no palco quando se declarou o incendio.

Promenores

Como noticiamos no nosso numero passado, uma immensa desgraça aterrou a cidade de Montevideu na

noite de 11 de junho. Referimo-nos á catastrophe da loja maçonica quando se celebrava uma sessão solemne em honra da memoria de Garibaldi. Não foi o incendio que em si pouca importancia teve, mas o pânico que se apoderou dos espectadores o que motivou a horrivel catastrophe.

Os jornaes de Montevideu dão-nos os seguintes pormenores:

«A casa fôra coberta de crepes desde a frontaria até ao ultimo aposento, no 2.º andar, reservando-se o salão interior para capella ardente, onde foi levantado um catafalco, em forma de pequeno templo, com grande profusão de luzes, que eram vigiadas por muitos guardas.

«A solemnidade verificou-se no dia 7, ficando a capella aberta ao publico. No domingo, 11, a concurrencia era extraordinaria; cerca de 500 associados com suas familias affluiram á capella, tornando-se impossivel dar um passo no meio da multidão que enchia o aposento, em demasia pequeno. Havia muitos homens, senhoras e creanças, e respirava-se uma atmosfera sufocante.

«A's 8 horas e meia da noite, o veneravel da ordem começou o seu discurso, e uma senhora, sentindo-se muito incommodada, desejou mudar de logar, e tentou, para isso atravessar o salão.

«Quando passava junto de catafalco, deu com o braço n'uma lampada, tombando-a. O liquido inflamado communicou fogo aos estofos negros, e da multidão irromperam gritos de—Fogo! Fogo!

«O effeito d'estes gritos foi electricante. A multidão, que não tinha espaço para mover-se, começou a atropellar-se, precipitando-se para a porta. Uns gritavam pelos filhos, outros pelas esposas, outros pelas mães. Um quadro horrivel.

«Os que tinham conservado sangue frio eram arrastados invencivelmente por essa impetuosa massa compacta, que não havia deter, e, apesar de se extinguir promptamente o incendio, ninguém vingou calmar aquella onda humana, que de roldão se precipitava na escada para a porta do edificio.

«A confusão era grande, e os primeiros que lograram sahir levaram consigo a porta, que se abria para dentro, e que se fechou, sem que fosse possivel tornar a abri-la, tão indomavel era a força dos que de dentro a empurravam.

«A multidão redobrou de desespero. Um bico de gaz que havia na escada apagara-se, e um tabique divisorio desabára, precipitando algumas pessoas. Os gritos dos que caíram mais aterrador ainda tornavam o quadro.

«A multidão cada vez se apartava mais, e os que estavam atraz acudiram ás janellas, e lançaram-se para a rua. Um pae atirou com o filho para a multidão, que o amparou nos braços, não soffrendo a creança nem a mais leve contusão.

«Entretanto, espalhará-se por toda a cidade a noticia, e todos corriam pavorosos a prestar socorros, mas foi preciso rasgar uma brecha no edificio, pela impossibilidade de abrir a porta.

«Lá dentro o quadro era indescriptivel. O escaduz, que estava atulhado de gente, cedera ao peso, dando áquelle quadro horrivel o aspecto de uma hecatombe medonha!

«Os que não tinham succumbido encontravam-se feridos ou contusos, e todos n'um grande amontoamento, de que sahia um largo côro de vozes lamentosas, á mistura com gritos de desespero.

«Afinal conseguiu-se abrir a brecha no edificio, e a policia começou a tirar promiscuamente cadaveres, feridos e contusos. A' medida que iam sahindo os cadaveres eram collocados na rua, e para logo cercados de povo, que assim se dividia em grupos.

«Uma senhora joven e distincta foi transportada para uma casa proxima, sem signaes de vida. Chamaram um facultativo, o dr. Triani, que, ao reconhecer o cadaver, soltou um grito dilacerante. Era sua esposa.

«O doutor corre como louco para o local do sinistro; de repente, defronta com o cadaver de seu filho de oito annos. Imagine-se a dôr do pobre esposo e pae!

«Como estas, outras scenas profundamente commovedoras.

«Os feridos eram mais de 100, alguns dos quaes o estavam gravemente.

«Transportados para a estação policial os cadaveres, foram logo reconhecidos quinze, não o sendo tres de adultos e um de menor.

«Entre os mortos contam-se cinco senhoras, sendo uma italiana, uma franceza, uma hespanhola e duas orientaes, e seis crianças.

«No dia seguinte, pelas 9 horas, da manhã, verificou-se com uma grande solemnidade o enterro das victimas, assistindo os alumnos dos collegios e quasi toda a população.»

Barão de Mendonça

Foi altamente significativa a manifestação de sentimento que os bombeiros municipaes de Lisboa, prestaram aos restos mortaes do antigo presidente da camara municipal de Lisboa, o finado consul em Bordeus, barão de Mendonça. A corporação dos bombeiros, rendendo tão affectuosamente a derradeira homenagem áquelle que soube engrandecer e elevar um ramo de serviço publico, dos mais necessarios e importantes para todos os povos, cumpriu não só um dever de gratidão dos mais delicados, mas soube honrar-se, lembrando os serviços d'um homem illustre que legou á patria, de quem era um dos mais prestantes filhos, um nome honradissimo e uma memoria eternamente abençoada. Foi o barão de Mendonça que, auxiliado pelos esforços do activo e intelligente inspector dos incendios de Lisboa, o sr. Carlos Barreiros, conseguiu elevar a um estado satisfactorio de organização, o corpo de bombeiros da capital, desenvolvendo-o consideravelmente e introduzindo-lhe os mais necessarios melhoramentos. Foi portanto justa e sobremaneira digna, a manifestação que os bombeiros de Lisboa prestaram aos restos mortaes do finado barão de Mendonça, um dos espiritos cultos da nossa litteratura que a morte logrou arrebatarnos logo apoz a Guilherme d'Azevedo, um dos mais fecundos e engraçados prosadores que tem apparecido em Portugal, nos ultimos tempos.

Como dissemos, no nosso numero passado, o cadaver do barão de Mendonça era esperado em Lisboa a bordo do *Equateur*. Foi n'este mesmo vapor que chegou ao Tejo.

No dia 9 foi conduzido da alfandega para a igreja de Santo Antonio da Sé, onde ficou depositado. O pres-

tito seguiu da seguinte fôrma, da alfandega para a igreja:

Um piquete de bombeiros e o collegio municipal do largo do Contador-Mór, um padre e sacristão com a cruz e em seguida uma carreta puxada pelos 1.^{os} patrões das bombas, como o illustre finado pedira nos seus ultimos momentos, e logo depois a camara municipal, o irmão e numerosos amigos do fallecido, fechando o acompanhamento, o corpo dos bombeiros, commandado pelos srs. Conceição e Lapa.

Sobre o caixão depositou uma corôa, com uma esplendida fita violeta, bordada, e com a legenda em letras d'ouro: «*A' memoria do barão de Mendonça, os bombeiros municipaes de Lisboa*», o velho bombeiro Antonio José da Silva, o mais antigo da corporação e que conta actualmente 47 annos de serviço de incendios.

No dia 10 realisou-se o funeral. Junto do feretro conservou-se, desde as 6 horas da manhã, uma guarda de honra de bombeiros municipaes. Os restos mortaes iam n'um coche tirado a tres parelhas ricamente ajazeadas. Mais de 60 trens formavam o prestito, nos quaes se viam as pessoas mais distinctas de todas as classes sociaes. O sr. Antonio Ignacio da Fonseca, vereador da municipalidade lisbonense, levava uma corôa de violetas e rosas brancas, onde se lia: «*Ao barão de Mendonça: a vereação municipal de Lisboa. 1882.*»

Antes de encerrar-se o feretro, junto do tumulo, oraram os srs. Roza Araujo, presidente da vereação actual, e o sr. Namorado, exaltando as qualidades que enobreciam o character do antigo presidente da municipalidade de Lisboa, e os serviços por elle prestados á nobre instituição dos bombeiros, de que elle foi, por assim dizer, o mais poderoso auxiliar para chegar a ter uma organização tão regular como a que tem actualmente. Como se vê, pois, d'esta rapida descripção que acabamos de fazer, os bombeiros municipaes de Lisboa souberam honrar os restos do homem que tão bem comprehendem o alcance e importancia d'um ramo de segurança publica, que talvez ainda hoje não existisse em Portugal com uma organização definitiva, se não fosse a sua boa vontade e a sua muita illustração.

A homenagem de apreço com que os bombeiros honraram o cadaver do barão de Mendonça, foi pois a mais digna e briosa corporação que a prestou.

Varias noticias

A' camara municipal de Lisboa requereu o conductor da machina n.º 15 José Domingos, o lugar de porteiro ou empregado do asylo municipal visto a machina que condusia lhe ter fracturado uma perna inhabilitando-o para trabalhos pesados.

E' de suppor que a camara municipal convencida da justiça da sua pertensão, attenda o seu justo pedido.

—No nosso empenho de tornar conhecidos os serviços dos bombeiros, assignalamos hoje a heroica acção do bombeiro municipal de Vizeu, Augusto Vidal que salvou d'uma morte quasi certa um individuo havia dez minutos sepultado no leito do Pavia onde o

foi arrancar a dedicada coragem de Augusto Vidal que não hesitou um instante em salvar o desditoso arrojando-se á agua mesmo vestido com eminente risco da sua propria vida.

Que os poderes publicos indaguem do feito e premeiem condignamente o honesto artista e destemido bombeiro.

—Tendo ficado em precarias circumstancias Maria Sequeira, uma pobre velhinha a quem um incendio devorou em 20 de junho, grande parte do casebre em que a mesma habitava na rua do Alto de Villa, os bombeiros voluntarios da secção de S. João da Foz, promoveram uma subscrição, alcançando a quantia de 12\$740 reis, reis que applicaram da seguinte forma: reparação do casebre 8\$000 reis; medicamentos para a pobre mulher que ficou queimada no incendio, 1\$280; dinheiro que lhe foi entregue 2\$430.

Registamos com prazer o procedimento dos bravos bombeiros voluntarios da secção de S. João da Foz.

—A companhia telephonica estabeleceu para a inspecção geral dos incendios uma linha. É um melhoramento que convem completar ligando a inspecção com os quartéis das bombas onde permueçam piquetes permanentes.

Tal como estão hoje as cousas nada aproveita aquella linha.

A companhia pensa tambem estabelecer uma linha para a associação dos bombeiros voluntarios onde como é sabido, ha sempre um piquete prompto ao primeiro aviso. Prestará assim um bom serviço aos seus assignantes e mostrará mais evidentemente os seus poucos resultados.

—O sr. vereador Assis participou em sessão municipal da camara de Lisboa que a companhia das aguas não tem satisfeito ao pedido para a collocação de bocas de incendios nos locais em que ellas são mais urgentemente reclamadas, dando-se a circumstancia de não funcionar uma grande parte das que existem.

—No mez de junho houve em Lisboa 22 incendios.

—Reuniu-se no dia 12 do corrente a camara municipal de Valença convidando para assistir a essa reunião diferentes influentes da localidade para que a coadjuvassem e auxiliassem no seu intento de instituir n'aquella localidade uma associação de bombeiros voluntarios. Todos os presentes se comprometteram a auxiliar em tudo o utilissimo e indispensavel empreendimento, nomeando-se a final uma commissão que se encarregou dos trabalhos preparatorios.

Fazemos votos para que seja bem auspiciada a nova intuição.

Na Provincia

Pelas 5 horas da tarde do dia 3 do corrente um violento incendio destruiu uma parte importante do edificio que o sr. conde de Villa Real, possui n'essa localidade no lugar dominado dos Tres Lagares.

Dos soccorros publicos contra incendio que ha estabelecidos em Villa Real, só acudiu uma bomba não sendo possivel conseguir que a outra chegasse ao local do sinistro sob protexto de que occurriria fóra dos limites da villa.

A' auctoridade a quem compete pedimos faça comprehender aos seus zelosos servidores que para a desgraça não ha distancias nem limites e bem assim a responsabilidade em que incorreram.

—No dia 6 do corrente, houve em Guimarães, na rua da Caldeiroa n.º 12 a 14, um principio de incendio de funestas consequencias, pois d'elle foi victima uma creança.

O fogo pegou no enxergão aonde se achava deitada uma criancinha de pouco mais de dois annos, que os desleixados paes allí tinham deixado só na sala em que habitam. Uma vizinha fronteira, espantada do muito fumo que sahia pela janella, que se achava aberta, afirmou-se e vendo a innocentinha em convulsões e o enxergão a arder, bradou por soccorro, e acudindo a vizinhança, já encontraram a criancinha em estado tal, que dando ingresso no hospital da Misericordia, decorridas poucas horas já era cadaver.

Junto da cama estava uma caixa de phosphoros, e supõe-se que o incendio teve n'isso origem.

Mais um caso para juntar á longa lista das culposas e fatais improvidencias dos paes.

—No dia 12 do corrente, pelas 2 horas da manhã, manifestou-se incendio nas officinas de carruagens, pertencentes a Francisco Dimas, e situadas a pequena distancia da estação do caminho de ferro da Regoa.

Os soccorros foram prompts, mas a escassez de agua foi muito sensivel, concorrendo, como sempre, para difficultar o serviço na extincção de incendios.

Trabalharam as bombas dos empregados dos caminhos de ferro e dos Bombeiros Voluntarios do Peso da Regoa.

Foram totalmente destruidas as officinas, barrações e algumas carruagens, calculando-se os prejuizos, excepto os barrações, em um conto de réis.

Chronica quinzenal

No Palco é um livro de versos, publicado ultimamente pelo brilhante poeta que se occulta sob o pseudonymo de Raul Didier. «Que se occulta» é um modo de dizer, porque poucos serão no Porto os que não conhecem esse rapaz alegre e prazenteiro — a organização poetica mais accentuada que ultimamente tem apparecido, embutida no espiri o mais pueril de que ha memoria.

Raul Didier marca no movimento litterario ho-dierno d'esta cidade o renascimento da poesia, genero de que os cultores se iam afastando desde que a morte de Guilherme Braga e a retirada de outros vates illustres haviam como que sopitado a inspiração de meia duzia de jovens que por ahí temos, verdadeiros entusiastas da arte de versejar.

Foi na *Folha Nova* que Raul Didier se deu a conhecer, ora escrevendo a secção denominada *Ao arrepio*, ora as *Illuminuras*, ora os folhetins ultralyricos, coroados pelo singelissimo titulo de *Raula*. E a *Folha Nova* considera como um dos seus maiores padrões de gloria, além de constituir a nota discordante no meio da nossa imprensa louvaminheira e acorrentada a certos preconceitos chamados *conveniencias sociais*, o haver dado azo a que despontassem muitos ta-

lentos que até á creação d'aquelle periodico se não tinham revelado. Francisco Carrelhas, Affonso Chaves, A. Gama e o proprio Iriel provam sobejamente esta nossa affirmativa: a este grupo pertencia Raul Didier, e não era certamente o menos importante.

Possue uma facilidade espantosa na versificação e na rima. Peça-lhe de momento um soneto ou algumas dezenas de alexandrinos que Raul Didier apresenta-os immediatamente. Para elle é indifferente a escolha de occasião propria; não se preoccupa com isso. No theatro, no café, nos passeios, em qualquer ponto onde se ache, dêem-lhe papel e tinta, que os versos apparecem n'uma letra medonhamente garrafal ou microscopicamente cursiva.

Este mesmo desembaraço e a presteza com que escreve prejudicam-o bastante, a nosso ver. Muitas das produções de Raul Didier podiam sair mais limadas, mais perfectas, mais completas, se elle se não precipitasse tanto, se curasse talvez menos da forma, dedicando todo o seu escrupulo e attenção á idea.

Um ou outro dos monologos e dialogos colleccionados no folheto a que nos referimos resentem-se d'estas pequeninas faltas que humildemente ficam apontadas, sem querermos escurecer o merecimento incontestavel do poeta, com cuja amizade aliás nos honramos; porque é preciso tambem ter em vista que muitos dos trechos em que o livro se subdivide foram feitos sobre o joelho, com a pressa que acompanha os trabalhos de momento que se concluem sempre á ultima hora.

O dialogo *Noivos* é para nós a parte de maior valor: ha alli uma tal suavidade e delicadeza que aquelles versos sentidissimos e inflammados bastariam só para dar a medida do estro genial de Raul Didier.

Agradecemos o exemplar com que nos brindou o auctor. Traz uma capa engraçadamente illustrada, devida ao lapis de S. Sanhudo.

*
* *

A Associação Liberal commemorou n'este anno, como de costume, o dia 9 de julho, quinquagesimo anniversario da entrada ds exercito que em 1832 veio aqui soltar o grito de resistencia contra o governo vexatorio e oppressor de D. Miguel.

Preparavam-se de ante-mão grandes festejos, relacionados n'um programma que havia sido profusamente distribuido, mas como a familia real, que tinha prometido assistir, adiou a sua vinda as Porto, adiadas foram tambem as principaes festas em projecto. Deu isto logar a que muitos perguntassem, e com razão, se se tratava de incensar os monarchas ou de solemnizar uma data gloriosa da nossa historia. Porque n'este ultimo caso não era possível, pela simples recusa dos reinantes, fazer-se uma revolução no calendario juliano, dizendo-se que o dia 9 se transferiria para quando S.S. M.M. se dignassem pisar o solo do burgo.

Afinal tudo se conciliou da melhor maneira, segundo parece, cortando-se a differença ao meio; isto é, veio um membro da casa de Bragança, o snr. D. Augusto, içaram-se bandeirinhas, depozeram-se corôas em varios monumentos, e á noute os balões venezianos, e os bicos de gaz que bordavam a frontaria do edificio da camara deram uma satisfação aos que ti-

nam berrado contra o aprazamento. Depois, havemos de confessar que a Associação Liberal foi coerente; como se pretendia celebrar um semi-centenario, ella fez tambem uma semi-commemoração.

A *Folha Unica* (e bem *unica*) é que sahii a lume na epoca marcada, mas até n'este ponto foram illudidas as esperanças do publico. Tinham-lhe assegurado que seria magnifica, redigida pelos mais conspicuos litteratos do Porto, e dão-nos um papel branco impresso a azul, no qual, se exceptuarmos a collaboração d'um pequeno numero de escriptores distinctos, apparecem nomes completamente desconhecidos.

Tudo *unico*, á altura do cabegalho.

*
* *

THEATRO BAQUET

No 1.º d'este mez cantou-se o *Polluito*, de Donizetti, para beneficio do tenor Franchini.

A *tessitura* elevadissima da musica faz com que esta opera não possa ser rasoavelmente desempenhada por cantores de segunda ordem. Todavia, Franchini portou-se regularmente e Escalante foi applaudida na cavatina do 1.º acto.

—Em a noite do dia 5 despediu-se a companhia lyrica do sr. Molina que, por espaço de dous mezes, entreteve os *dilettanti*.

Executaram-se varios trechos das operas que tiveram melhor acceitação e um *Stabat mater*, escripto pelo barytono D. Pedro Farvaro. Esta ultima peça, vigorosamente orchestrada, e na qual abundam as bellezas melodicãs, agradou muito e provou-nos a competencia de Farvaro, como compositor. Principalmente o n.º 2 *Cujus anima* e o n.º 6 *Inflamatus*, cantado aquelle pela sr.ª Escalante e por Cantoni, e este pela mesma soprano e pelos coros, satisfizeram ainda os menos benevolos.

Ao terminar o espectáculo fizeram-se chamadas aos artistas, recebendo todos elles calorosos applausos.

E assim se foi essa *sympathica troupe*, que, pela modestia com que se apresentava, nos deixa saudades. Lá partiu para Liboa a Romeldi, que attrahia mais pelo seu semblante bonito do que pelos encantos da voz; a Filomena, uma corista deliciosa que se collocava em primeiro logar do lado direito da scena e para a qual convergiam os binoculos dos *gatés* da terra; enfim a Sarah Bernhardt, nome com que os bohemios da friza chrismaram uma hespanhola alta, magra, rui-va e trocista, que se mostrou descontente do Porto, ao que nos dizem, porque *no hubo chicos que la invitaram á una comida*.

Adeus, adeus, *ninãs*, para outra vez havemos de vos convidar... *á una cena*.

*
* *

THEATRO PRINCIPE REAL

Em beneficio d'um honestissimo chefe de familia, caracter recto que todos respeitam e talento lucido que todos admiram, a quem a adversidade e a doença

amarguram crucialmente a existencia, realisou-se no dia 6 um esplendido sarau, promovido por alguns cavalheiros generosos que são incansaveis sempre que se trata de appellar para a philantropia do publico.

Anna Pereira, Valle, e Silva Pereira tinham vindo obsequiosamente da capital para tomarem parte na recita. A primeira fez a scena-comica *Abaixo os homens*, obra insignificante, realçada apenas pelo garbo e desenvoltura com que a eminente actriz a sublinhou.

Com Silva Pereira exhibiu-se depois nos *Anezins*; é uma comedia que desperta o riso, porque desde o principio ao fim um dos personagens só abre a bôcca para citar proverbios, todos muito bem applicados, na conversa sustentada com uma senhora que requesta. Os espectadores gargalharam rijamente diante d'aquella *adagiomania* teimosa.

Valle, o unico comico que temos para succeder a Taborda, e Silva Pereira, actor consciencioso, interpretaram a chistosa comedia *Os dois candidatos*, sinapismo que actualmente se pôde pespegar a muitos cretinos, cujo sonho dourado consiste em obter sitio entre os farçantes de S. Bento.

A companhia do theatro cantarolou o 2.º acto do *Pato de tres bicos*, terminando com a *Espadellada*.

Foi numerosa a concorrência, nem outra cousa era de esperar da caridade dos portuenses.

Bem hajam elles.

— Portugal, Leoni e Delmira Mendes, do theatro da Trindade de Lisboa, estão agora escripturados accidentalmente no Principe Real durante a *villegiatura*.

Apresentaram-se pela primeira vez na opera-comica *Os Dragões d'El-rei*, encarregando-se o tenorino Portugal do papel outr'ora feito por Wanmeyl e Leoni do de Firmino (D. Nicomedes).

Qual foi o resultado do confronto? Declaramos, sem reboço, que preferimos os nossos actores aos de Lisboa. Portugal tem uma voz mais suave e extensa que a de Wanmeyl, mas é antipathico no palco, e de arte dramatica sabe ainda menos que este. Leoni quer ter pilheria; não foi, porém, fadado para fazer rir as plateias. Delmira Mendes, como d'antes, alegre, vivaz, galhofeira.

— Na segunda-feira, 10 de Julho, fez-se *reprise* da opereta *A filha do tambor-mór*.

A *chanteuse* Manzoni, uma meio contralto, tinha estudado ha muito tempo a parte do tenente Roberto, mas como a empreza e Wanmeyl se avieram entre si, este tenor reapareceu novamente, privando-nos assim d'um *travesti* robusto e herculeo. Amelia Garraio continuou bem no seu papel, nem ha que repetil-o, visto que é a artista mais consumada da companhia. Aurelia dos Santos esforçou-se tanto quanto ponde por dar animação ao typo travêssio da guaita Claudina, uma vivandeira delambida que na opereta anda a piscar continuamente o olho ao tenente, desprezando a affeição importuna do tambor. A gentil actriz usa uma cabelleira loura que faz desagradabilissimo contraste com os seus olhos pretos e feiticieiros: atire-a para o lado e mostre o seu cabello natural, porque creia que o exige o bom gosto.

Os restantes artistas rasoavelmente; Foito alterando e acrescentando a letra com *piadas* da sua lavra.

— Da *Perichole* não podemos informar os nossos leitores, porque não assistimos á representação na noite em que a preciosa opereta foi posta em scena.

THEATRO DE S. JOÃO

Abriu-se n'este mez para a recita de gala do dia 9.

A companhia do Baquet deu-nos o drama *Os Lazaristas*, no qual o importantissimo papel de Luiza de Magalhães se confiou á principiante Joaquina Nunes.

Tanto basta para saber-se que o desempenho foi detestavel, porque uma actriz que começa agora não pôde encarnar-se em personagens de responsabilidade. E' capricho e ineptia do ensaiador, director, ou quem quer que seja, sacrificial-a ás suas velleidades; quando uma companhia não tem ingenua, fecha o theatro, mas nunca deve, por dignidade propria, ludibriar o publico, obrigando os artistas a tentativas superiores ás suas forças.

E para *aquillo* houve quem clamasse que um espectáculo de gala devia ser dado com actores portu-guezes!

Que vergonha nos acarretou o proteccionismo á arte nacional!

O infante D. Augusto, que cabeceava com somno n'um camarote, pôde ir dizer ao snr. Antonio Ennes que aqui lhe assassinaram torpemente o drama.

Durante a noite houve os vivas da praxe, e na sala distribuiu-se uma poesia do sr. Abilio Maia, de que transcrevemos a ultima quadra:

«E n'este grande dia, eterno, immaculado,
Em que o Porto festeja a santa Liberdade,
E' bom não esquecer que, dentro da cidade,
O espectro de Loyola existe encapotado.»

*

* *

N'um circulo de amigos fallava-se de musica.

Certo deputado da provincia escutava com muita attenção, mas não dizia uma unica palavra, até que um amigo lhe perguntou:

— V. conhece o Barbeiro, de Rossini?

— Não o conheço, nem admira porque eu faço a barba a mim proprio.

14 de julho

Iberus.

O Bombeiro Portuguez annuncia todas as publicações litterarias de que lhe for enviado um exemplar.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre	350 réis
Semestre	700 »
Anno	1\$400 »

(Estrangeiro)

Trimestre	600 réis
Semestre	1\$200 »
Anno	2\$400 »

Escriptorio, rua da Rainha n.º 95.

Espectaculos

Circo Olympico do Palacio de Crystal— Sarau gymnastico, acrobatico, comico e equestre, por amadores, offerecido a SS. MM. pelos socios da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto em beneficio do cofre da mesma Associação.

N. B. — São prevenidos os socios que quizerem marcar logares para este sarau, que terão a preferencia desde 1 a 3 de julho, para cujo fim deverão dirigir-se ao 1.º secretario da direcção, Pereira Vianna, Praça de D. Pedro n.º 125 e 126. Nos dias 4 e 5 será feita no mesmo local a entrega dos bilhetes marcados pelos associados e serão postos á venda os restantes. — O espectáculo terá logar na noite que SS. MM. designarem. — Opportunamente será publicado o programma definitivo.

Está aberta a assignatura para estas recitas desde hoje em diante ás 10 horas da manhã.

Real Theatro de S. João—23.ª recita da real sociedade dramatica de amadores «Luz e Caridade», honrado com a presença de SS. MM. e Altezas. — O programma e dia serão devidamente annunciados.

O resto dos bilhetes pôde ser procurado na casa da sociedade, rua do Almada, 365.

Theatro Principe Real—Recitas de gala—A primeira offerecida á commissão dos festejos, e a segunda a que deverão assistir SS. MM. a convite da mesma commissão.

ANNUNCIOS

NOVAS TABELLAS

DE CAMBIO DIRECTO

ENTRE

INGLATERRA, PORTUGAL E BRAZIL

Desde 14 ¹/₃₂ a 60 ³¹/₃₂ d por 1\$000

Tabella de divisores fixos para descontos. Tabella de contagem de dias entre duas datas. Modelos em francez, inglez e portuguez, das cartas mais em uso no commercio

por **Theotónio de Lima**

A' venda em casa do auctor, rua de Cedofeita n.º 501 e na rua de S.ª Catharina n.º 191.

TYPOGRAPHIA

DE

ARTHUR JOSÉ DE SOUZA & IRMÃO

74—LARGO DE S. DOMINGOS—74

PORTO

Esta já bem conhecida typographia acaba de ser consideravelmente augmentada com grande variedade de typos communs e de phantasia, não só de fundições nacionaes como estrangeiras, e por isso pôde executar com a maior nitidez todos os trabalhos concernentes a mesma.

G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.ª, rua do Sá da Bandeira n.º 116—PORTO.